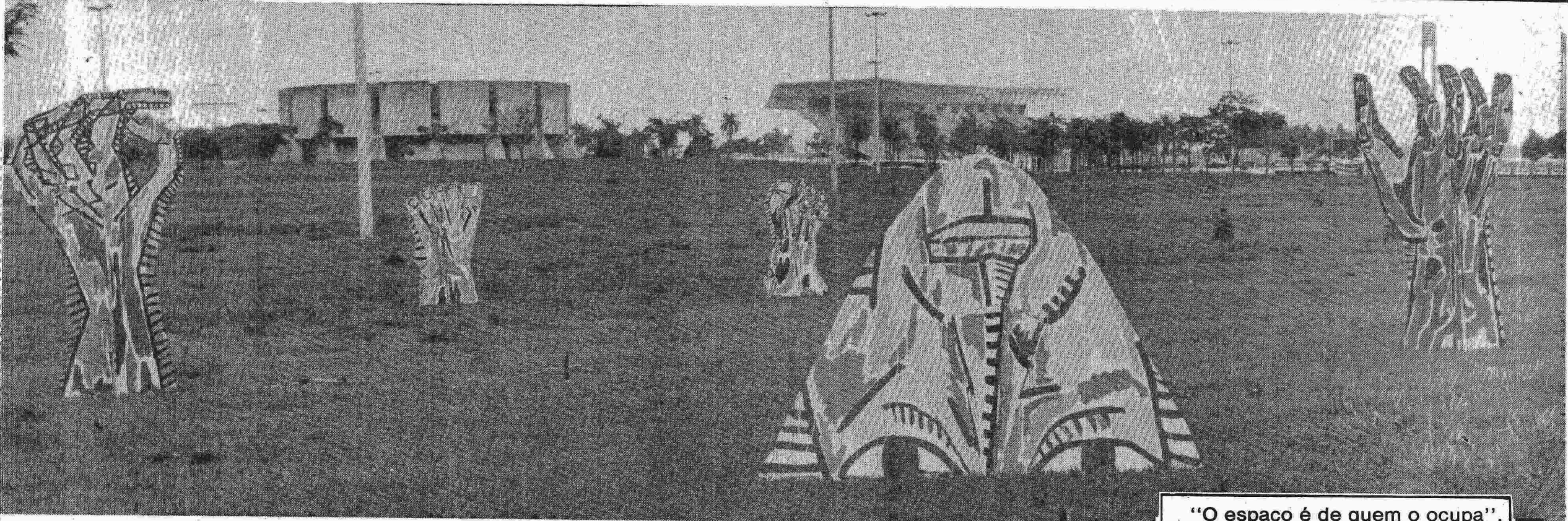




ARTE NA RUA

QUEM SAI NA CHUVA É PRA SE MOLHAR

"O espaço é de quem o ocupa". Se ele é público, também pode ser dividido e qualquer obra aí criada sofrerá interferência pela condição externa que assume. A cidade também é pública. Seu espaço, sua luz, sua forma terão a função que seus habitantes determinarem. E esta relação, entre a cidade e o homem, que se instala desde o dia 28 de novembro nos gramados da Funarte. Um relacionamento necessário, que gera uma discussão em vários níveis, mas que indica um novo rumo na formulação de uma identidade cultural

MARBA FURTADO
Da Editoria de Cultura

A identidade cultural de Brasília pode estar brotando dos gramados públicos em volta da Funarte. Ultrapassando o incidente de quinta-feira, dia 28 de novembro — classificado pelo artista plástico Ralph Gehre como "uma virgula, um incidente de percurso" — enfim o olhar do brasileiro pode vislumbrar um evento até certo ponto escondido por enfiada de manifestações que acabaram desviando as atenções de todo o País. Independente da forma de abertura, a "Festa" continua, ou está apenas começando, e pode determinar a partir de agora um novo rumo à cultura candanga.

O certo é que a iniciativa da Funarte, de assumir publicamente seu apoio à utilização do espaço da cidade como suporte às manifestações artísticas, abre um precedente que realmente "põe fogo" nas ruas. Inicia-se, com a ocupação destes espaços, uma discussão que atinge diferentes setores, justamente porque mexe na cidade, a grande maquete que assumiu (e vem assumindo) sua função à medida que seus próprios habitantes a determinam. Ao mesmo tempo, o projeto Arte na Rua dá o "pontapé" inicial na nova relação do Estado com a arte e mostra que, embora a burocracia institucional ainda não tenha sido abolida, é possível realizar um trabalho que sirva de impulso a um processo a ser determinado pelos próprios artistas.

Ana Cristina Pinheiro Campos, assessora da diretora-executiva da Funarte, afirma que é exatamente isto: "o papel da Funarte é dar um empurrão, fornecendo as condições mínimas para que o indivíduo, no caso o artista, nunca mais precise procurar a instituição". Desde que foi lançada a ideia do projeto Arte na Rua, em agosto deste ano, a participação do artista foi requerida. "Isto é diferente de sentar e ter ideias para serem propostas aos interessados. Não estamos tutelando um projeto, pois todo o seu desenvolvimento funcionou a partir e através da sensibilidade do artista. Nada foi cobrado ou imposto", acrescenta Regina Ramalho, assessora de Artes Plásticas do órgão.

O projeto Arte na Rua surgiu de uma comunhão de ideias, como explica Regina Ramalho. "Existiam artistas desenvolvendo um trabalho de ocupação da cidade como suporte para suas obras e a Funarte pretendia dar a este espaço externo uma função de pólo produtor de ideias. Os dois lados tinham então a mesma expectativa quanto a ocupar espaços. Foi assim que juntamos os interesses".

Para realizar o projeto, desde o início a Funarte contou com a participação de Wanderley Amorim (Delel), com os artistas Zé Guilherme Brenner, Sérgio Bessa e Paulino Aversa, que formam o Grupo de Raul de Athayde, com Paulinho Andrade, Wagner Hermuche, Girafa, José Geraldo e Ralph Gehre. A Fundação forneceu tinta, plástico, papel, cola e madeira para atender à execução das obras de cada artista. Delel pintou um lado das paredes externas da Sala Funarte, de frente para o Eixo Monumental, enquanto o Grupo Raul de Athayde se ocupava do lado oposto, colando uma série de figuras pintadas em papel; Wagner pintou o abrigo do estacionamento e uma das paredes do escritório; o outro lado coube a Ralph, enquanto Girafa preenchia o jardim com letras e símbolos brancos. Entre os prédios, brotando do gramado, uma enorme figura humana surge, por obra e criatividade dos artistas do Raul de

Athayde. Mais perto da pista do Eixo Monumental, o Embrulharte de Paulo Andrade era suspenso por dois postes cedidos pela Ceb, enquanto logo atrás Delel reclamava visibilidade ao seu trabalho Festa/Meninos, marcando a "virgula" a história.

Está lá, para quem quiser ver, todo o trabalho dos nove artistas. Eles ocupam a cidade, que habitam há um período médio de 10 anos, e tentam apresentar uma nova forma de viver Brasília, seu espaço, sua luz, seus contrastes. "Basta da Brasília Intocável, de cartão-postal. Arte na Rua lança uma semente forte, indicando ao brasileiro como dispor da cidade", lembra Ralph, exaltando a que todos venham e ocupem seus espaços. "O espaço é de quem o ocupa".

A ocupação acontece mesmo independente de certos apelos "puristas" de sacralização de Brasília. "Não adianta sacralizar a cidade, envolvê-la em cordões de isolamento. Oscar Niemeyer e Lúcio Costa venceram uma concorrência, há 25 anos, e têm que parar de se sentirem eternos viúvos de Brasília, defendendo sua imagem de qualquer interferência. A cidade tem vida, ela se modifica pelo trabalho de cada habitante. Para se fazer arte é preciso ousar, avançar estes sinais que tentam frear as iniciativas", adverte Ralph. Para ele, a ousadia da Funarte fez abrir um espaço precioso para as manifestações artísticas locais, "sem que ela tenha descoberto nenhuma pólvora".

OCUPAÇÃO
Praticamente todos os artistas participantes do projeto, bem como outros de fora, concordam que o espaço de Brasília propicia a certas iniciativas de ocupação. É um novo suporte que surge, apesar de já estar sendo usado há cerca de uma década, tendo no próprio Delel um de seus precursores. Nenhum dos artistas, no entanto, admite ser esta forma uma característica única da cultura candanga. "É certo que Brasília vai gerar uma arte de rua diferente", como lembra Regina Ramalho, mas este trabalho não anula outras técnicas e outros suportes. Fica também claro que a maioria dos artistas procura hoje enfatizar a função social da arte, "democratizando", popularizando, formulando obras para um grande público.

Rômulo Andrade, artista plástico que mora há 10 anos em Brasília, faz parte deste grupo que busca alternativas para expandir seu trabalho. Ele optou pela serigrafia e usa como suportes desde o papel até camisetas. Para ele, Brasília "pede coisas grandes", a própria cidade propõe uma série de ideias e "a intervenção urbana é uma das respostas a este desafio". Neste sentido, ele considera de grande importância a iniciativa da Funarte ao lançar Arte na Rua.

"O artista plástico tem tentado encontrar respostas para corresponder aos apelos da sociedade de massa. A música que atinge um público imensamente maior. Então a linguagem plástica também deve achar formas contemporâneas de participação. A intervenção urbana é uma destas respostas, o out-door, a arte postal, suportes com uma penetração enorme, que realizam um trabalho de democratização da arte de grande importância", acrescenta Rômulo.

Paulinho Andrade, cujo Embrulharte foi retirado dos gramados da Funarte juntamente com as cinzas deixadas por Delel, é outro artista que tem usado a cidade como suporte para uma obra aberta à participação social. São deles vários trabalhos, desenhos, pro-

vas de gravuras deixados, positalmente malcolados, em abrigos de ônibus semanalmente. "São presentes que eu deixo para quem quiser pegá-los. E alguém pega, pois eles nunca amanhecem onde deixei".

Para ele, apesar da "precariedade" da cidade, no sentido da falta de apoio do setor empresarial e da própria Universidade de Brasília para com os artistas do DF, aqui há uma efervescência "de gênios, de talentos, de vontade de trabalhar". Paulo considera a cidade uma obra de arte que, por si, já é uma interferência no cerrado, suportando, portanto, todas as interferências em seu espaço externo.

OBRAS DA NOITE
E por esta cidade, cada vez mais tocada e vivida, que perambulam pelas noites os inúmeros autores de verdadeiras obras de arte que amanhecem estampadas nos muros e paredes. Há que se distinguir aqui as pichações; há artes de artistas e artes de "artelros", pois a cidade tanto serve para a cultura quanto para a política. Se a política é a cultural, os olhos devem percorrer os imensos painéis visando o despertar de emoções que colocará o indivíduo muito mais próximo do meio urbano em que vive.

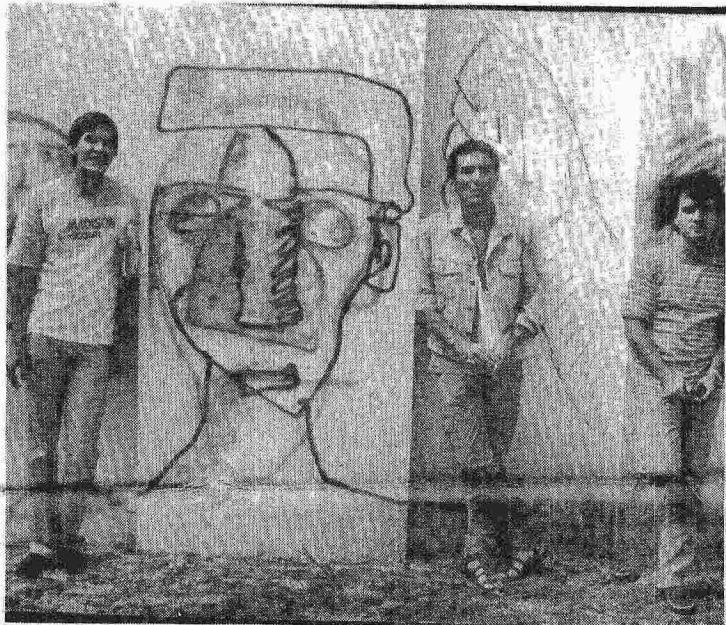
Tintas, papéis e cola na mão, o Grupo Raul de Athayde vem desde maio fazendo arte pela cidade. Os três artistas, estudantes da UnB — Sérgio Bessa, Paulino Aversa e Zé Guilherme — veem nesta forma artística uma alternativa de exercitar suas capacidades e assumem o trabalho de rua "mais para desenvolver a linguagem", enquanto se dedicam às suas atividades particulares de pintura e desenho.

"Brasília propicia muito esta forma de arte", diz Sérgio. "A cidade chama e oferece possibilidades de se trabalhar". Para Paulino, "a arte nas ruas é muito mais uma interferência no espaço urbano. A gente não está ali só pintando ou colando mas, principalmente, modificando. Para nós, artistas, é um alimento também, mas o nosso trabalho não para aí, pois cada um desenvolve sua obra".

A arte dos três está espalhada pelo Plano Piloto, pela UnB e no estande de performance de José Eduardo Garcia de Moraes, na Bienal de São Paulo. Eles se enquadram no grupo mais amplo de artistas que há vários anos vem desenvolvendo um trabalho de "modificação do espaço" da cidade.

OUT-DOORS
Há várias maneiras de "socializar" a arte dentro desta ideia de ocupação de espaços externos da cidade. Uma delas é o out-door, tecnicamente chamada de "tabuleta", que é diferente da placa e do painel, como lembra Décio Raul, gerente da Brasília Painéis no DF. Este retângulo de 9 X 13m, que comporta 32 pedaços de uma enorme fotografia ou cópia serigráfica, tem sido um dos mais atuantes suportes dos projetos de arte nas ruas, desenvolvidos em todo o País. Só em Brasília, 10, dos 180 out-doors desta empresa, falam do projeto da Funarte, depois de terem, há cerca de um ano, apresentado outra série de trabalhos.

Vinte e quatro horas de exposição de um out-door custa, para o interessado, de Cr\$ 30 a Cr\$ 40 mil — "é a mídia mais econômica que existe", lembra Décio Raul — mas para os artistas plásticos este trabalho tem sido gratuito, segundo o gerente da Brasília Painéis. Ele lembra que nem sempre as 180 tabuletas ficam ocupadas pelos clientes e que a empresa, então, resolve divulgar mensagens diversas, promover campanhas de fundo social e participar dos projetos de arte nas ruas.



Grupo Raul de Athayde: a interferência urbana como exercício

O que fica de novo...

O apoio ao projeto Arte na Rua e à permanência das obras, instigadores da "fria monumentalidade de Brasília", foi manifestado pela Associação dos Artistas Plásticos. A entidade lamenta o enfoque dado pela televisão no tratamento da matéria e convida à população a prestigiar o evento, pois algo de novo pinta sobre os gramados da Funarte. Eis, na íntegra, a carta enviada ao CORREIO pela Associação:

"A Associação dos Artistas Plásticos de Brasília vem a público externar o seu apreço e total apoio ao projeto Arte na Rua, patrocinado pela Funarte e resultado da iniciativa de artistas plásticos que, por seu trabalho competente e sério, situam-se entre os mais conceituados da cidade. Arte na Rua oferece uma proposta de trabalho consequente e instigadora, é uma resposta plástica à fria monumentalidade de Brasília. Esta foi a primeira fala de um longo e enriquecedor diálogo que se pretende estabelecer entre os artistas plásticos e o desafiador espaço urbano da capital.

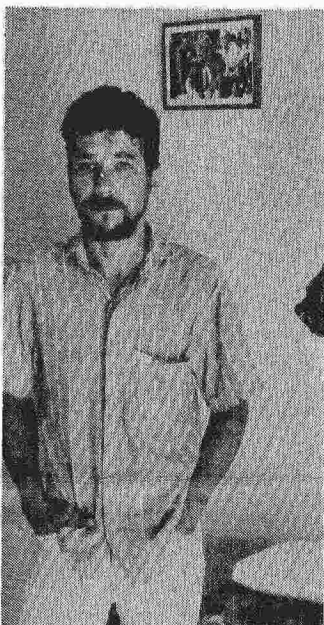
"Nesta primeira etapa foram ocupados os granados e prédios da Funarte, o objetivo do projeto é, porém, mais ambicioso, pois pretende criar um acervo de Arte ao Ar Livre, que se distribuirá em vários pontos da cidade. O projeto visa, ainda, despertar a atenção de um novo público, daquele que não freqüenta exposições, por falta de tempo, de hábito ou por timidez. E a arte que vai ao encontro do público, rompendo com a passividade das galerias, democrati-

zando a manifestação artística.

"A Associação também manifesta seu apreço pela atitude corajosa e incomum da Funarte em apoiar um projeto — Arte na Rua — que se reveste de uma ousadia que muitas vezes afugenta o patrocínio de entidades públicas e até particulares, mais interessadas em investir no "déjàvu" do que em arriscar na investigação.

"Lamentavelmente, a atitude de um grupo de artistas, habituado a interferências inoportunas por sua agressividade gratuita e descabida, quase chega a comprometer todo este trabalho, não só porque o gesto predatório danificou obra de um dos artistas que não se encontrava no local no momento, agrediu covardemente outros dos expositores, mas, sobretudo, porque o desagradável incidente foi veiculado pela televisão.

"A Associação dos Artistas Plásticos de Brasília lamenta que tenha sido veiculada pela televisão não a imagem dos trabalhos expostos, não a palavra elucidadora dos organizadores de tão significativa proposta, mas imagens de agressão física e destruição gratuita. Dissemos "quase chega a comprometer este trabalho", porque acreditamos que a permanência das obras do Grupo Raul de Athayde, de Luiz Augusto Girafa, Paulo Andrade, Wagner Hermuche e outros, nos espaços, supera a transitoriedade do desagradável incidente. As obras lá estão para serem vistas e avaliadas a qualquer hora do dia, de preferência antes do anoitecer.



Paulinho Andrade



Rômulo Andrade

Recolhimento das cinzas

Ele é um dos precursores, se não o precursor, das interferências urbanas, artísticas, coloridas, escorridas pelas paredes e abrigos de ônibus. Há cerca de 10 anos, Wanderley Amorim, o Delel, vem usando a própria cidade como suporte de uma arte que transgrediu os formalismos. Na quinta-feira da semana passada, dia 29 de novembro, ele mais uma vez transgrediu todas as formas apelando a uma das quatro forças da natureza para desimpedir o caminho entre seu trabalho Festa/Meninos e o público que fosse ver o evento Arte na Rua da Funarte.

O GDF providenciou o recolhimento das peças em volta do material queimado por Delel, inclusive a obra Embrulharte, de Paulo An-

drade, para a qual se dirigia o fogo, e o que ficou de Festa/Meninos. Mais uma vez insatisfeito, Wanderley se manifesta em uma carta ao CORREIO.

"Delel é o Grupo Ação de Graças vêm, publicamente, denunciar a destruição do trabalho Festa/Meninos do projeto Arte na Rua por parte da Funarte. No dia 2 de dezembro.

"Estranhemos este ato autoritário e policial, de uma instituição cultural que nos convidou para uma experiência de intervenção urbana e quis desde o início controlar nossa criação, impondo regras e modelos.

"A Funarte atualmente representa forças contrárias à inovação das artes".